

# Acompanhamento espiritual de toxicodependentes

# A FÉ COMO SAÍDA DA DROGA

52

ASSISTÊNCIA  
ESPIRITUAL

FC - FEVEREIRO 2009



**E** Dia de Reis e a Quinta do Vale de Ácor, em Almada, está cheia de gente. À porta, dois dos utentes orientam o estacionamento das viaturas das pessoas de fora que vieram assistir a mais uma cerimónia de graduação. Neste dia, três utentes são simbolicamente condecora-

dos por terem terminado o seu caminho e estarem perfeitamente reintegrados numa vida sem droga. O Instituto Vale de Acor, uma IPSS (instituição particular de solidariedade social) católica que trabalha há quinze anos na recuperação de toxicodependentes, utilizando o método terapêutico-educativo do «Projeto

Homem», tem a dirigi-lo um padre, de nome Pedro Quintela. A apoiá-lo, toda uma equipa de profissionais e voluntários de índole católica. Apesar de toda esta crença, o método terapêutico que os utentes da associação seguem para a desintoxicação e reintegração na vida social não obriga a uma vivência católica,

Em Vale de Ácor, a luta contra a droga faz-se com todas as terapias possíveis. Mas o Pe. Pedro Quintela prefere que os valores de fé, amor, perdão e misericórdia sejam dados apenas a quem os deseja receber. E esse é um dos factores de êxito de todo o processo.

texto Ricardo Perna

53

ao contrário do que se poderia pensar. «Uma pessoa drogada é um dependente, ou seja, para enfrentar o que há de duro, dramático e feliz na vida, estabelece relações de dependência. O que faz é alienar a sua liberdade a uma droga que lhe dá a confiança que não tem, o â-vontade que não tem, o entusiasmo que não tem. É fácil que deixem de depender de drogas para depender de outras coisas, como o álcool, o terapeuta, a comunidade, etc. E isto também não é bom. Nesta linha, também a religião pode ser uma dependência, e portanto nós não apresentamos a fé como terapia», explica-nos o Pe. Pedro, para quem esta proposta de adesão voluntária faz mais sentido do que uma obrigatoriedade «proselitista». «No documento *O Desespero à Esperança* é dito que a Igreja não impõe a fé, propõe a fé. E aqui o nosso procedimento é semelhante. Não existe obrigatoriedade de ir à catequese ou seguir a nossa religião, porque isso seria proselitismo», defende o responsável pelo Vale de Ácor.

### Proximidade

A eucaristia dá início aos festejos, mas nem todos se deslocam à capela para assistir. De facto, muitos são os que preferem ficar de fora, conversando com os familiares e amigos. «De um modo geral, as pessoas aderem muito quando cá chegam e durante o tempo que cá estão, mas depois quando vão para a reinserção há um refluxo, deixam de cumprir tanto a ida à catequese e à eucaristia», explica-nos o sacerdote, que na homilia apela à lealdade dos que

hoje iriam ser graduados e exorta à coragem de nunca arranjarem desculpas que justifiquem alguma recaída que tenham, apontando sempre que podem contar com o apoio de Deus nesta caminhada.

O Pedro Henriques é um dos utentes que vai ser hoje graduado. Os cabelos brancos são símbolo de toda uma vida que já passou. No caso do Pedro, que termina um processo com três anos, muita dessa vida foi passada nos meandros da droga. «No mundo em que eu andava [faz uma pausa prolongada com os olhos no chão], tinha deixado de acreditar em tudo. Andava num mundo fechado, só meu, à espera de cair», conta. Quem o resgatou e o levou para o Vale de Ácor foi a sua professora primária que, quarenta anos depois de lhe ter dado

aulas, o encontrou na rua e o levou para ali. «Essa senhora fez-me a promessa de que todos os dias, enquanto eu estivesse aqui, iria rezar a Nossa Senhora por mim. E eu acredito muito que isso me ajudou no meu percurso», afirma.

### Activar memória cristã

Dentro do refeitório, onde decorre a cerimónia de graduação, é visível no rosto do Pe. Pedro a alegria que sente por cada um dos utentes que termina o processo de reintegração, que deverá durar dezoito meses, se tudo correr conforme o previsto. O orgulho que o sacerdote sente só tem comparação no abraço sentido com que cada um dos utentes o brinda na hora de receber a sua medalha. Cada um dos três que receberam



Pedro Henriques exibe com orgulho a medalha que simboliza o fim do seu processo de reintegração.



Como Jesus, que todos os anos nasce de novo, também o Hélder nasce para uma vida sem droga.

a condecoração refere a importância do Pe. Pedro no seu percurso, agradecendo as palavras amigas e a presença inestimável em todas as fases do percurso.

Ao nosso lado, o Hélder, um utente que está a terminar o processo de reintegração, explica o porquê de tanto carinho. «O Pe. Pedro conhece toda a gente pelo nome. Passam por aqui centenas de pessoas num ano, e ele conhece todos pelo nome. Cria uma relação pessoal com cada um, conhece a vida

de todos individualmente. Está sempre presente, é fundamental quer na parte terapêutica quer na parte espiritual, no dia-a-dia.»

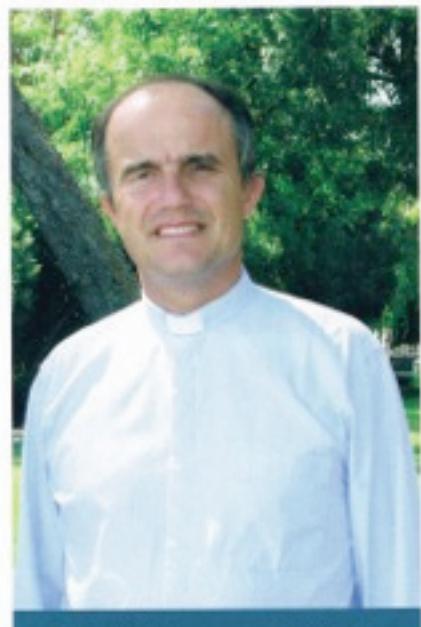
A proposta religiosa que é apresentada aos utentes do Vale de Ácor assenta sobretudo na liturgia da igreja e na activação da memória cristã, já que muitos dos utentes têm, no mínimo, a formação católica de base dada pelos seus pais enquanto crianças. «A proposta anda também muito em torno dos santos e do seu exemplo de vida, pois são os melhores cristãos que temos para mostrar. Procuramos activar a memória cristã», explica o Pe. Pedro. O Hélder defende que essa é uma estratégia correcta. «Quando cá chegamos não acreditamos em nós nem em nada. Todo o processo de reconstrução passa também por nos reeducar nos valores que perdemos», conta.

### A rocha que é Deus

A relação do Pedro com o Pe. Pedro não começou da melhor maneira, pois os muitos anos de dependência já o tinham levado a outras instituições, onde as «lavagens ao cérebro» o tinham feito desistir. «No princípio, o Pe. Pedro era mais um que eu pensava que me ia fazer uma lavagem ao cérebro, como já me tinham tentado fazer noutras situações. Por isso, não comecei a ir logo à missa. A primeira vez que fui e o ouvi, fiquei espantado, pensando "mas como

é que ele me conhece?". As palavras que ele dizia aconteceram comigo, eu identificava-me com as suas palavras», relata, emocionado. Depois disso, a relação foi crescendo. «Fui eu quem o procurei, e depois houve uma altura em que estivemos mais próximos, pois ele partiu a mão e fui eu quem o levei ao hospital, e isso contribuiu para que eu me fosse chegando mais, para mim o Pe. Pedro é incrível... ele podia estar quietinho numa paróquia sem se chatear, mas não, está aqui, e tem sempre uma palavra amiga. Mesmo quando nós mentimos, ele perdoa-nos e isso é muito bom», refere.

É por casos como estes que o Pe. Pedro defende esta adesão voluntária, em contraponto com uma adesão obrigatória a um caminho que pode nem ser o seu. «Temos um número significativo de pessoas que entraram longe de Deus, sem esse horizonte, e que neste percurso descobrem Jesus», diz. Para o Hélder, esta descoberta significa também a descoberta de que não estão sozinhos no mundo, ao contrário do que pensavam quando andavam nos caminhos da droga. «Aqui criámos raízes. Com a fé, construímos a casa na rocha que é Deus, não na areia, como diz a leitura, sabe? Aprendemos que somos mais um grão de areia no mundo, que não estamos sozinhos, e que temos pessoas em quem podemos confiar», conclui.



Pe. Pedro Quintais, responsável pelo Vale de Ácor.